

ADRIANA CRESPO

LINHA DE FUGA

Conhecer a terra a partir do ar —
eis um projecto que não tem a ver
com ter peso e dois pés e caminhar

nem ver coisas de perto e perceber
que se bate um ritmo na vertical.
Não. Entre pairar e apreender,

de longe, a luz e a terra plural;
entre a suspensão e a velocidade
que produz ritmos na horizontal;

entre a *terza rima* alada de Dante
e tudo o resto; entre uma sombria,
um grifo ou uma garça-branca-grande;

a rola-do-mar e a cotovia,
a alma-de-mestre e o cisne-mudo,
a escrevedeira-das-neves, a cia,

o melro e o ganso-de-bico-curto;
o flamingo e a gaivota-marfim,
o pintarroxo, o pilrito-escuro;

e até mesmo entre o bufo e o chapim,
o chapim-rabilongo e a carriça,
o grou e a gaivota-de-Audouin,

uma caturra, um galo de crista,
maçarico-bique-bique, marabu,
e uma mariquita-de-mascarilha;

entre todos estes e mesmo algum
que ainda não tenha sido inventado,
pássaro trazido pelo simum,

nunca antes visto, arrevesado,
pássaro impróprio, inexistente,
tão novo que ficasse camuflado,

desapercebido, intransigente,
suspenso entre o caos, o ar e a luz;
entre isto e a imensa terra inclemente,

a terra que nos oprime e conduz,
e a cinza, a leveza e tudo o resto,
tudo o que nos eleva em contraluz;

entre andarmos de pé e essoutro gesto —
existe uma vertigem e um abismo
e a alma sempre grita: «Presto! Presto!»

— que a vida é pouca e falta um paraíso
em todas as nossas visões de agora.
Falta principalmente um espaço liso

e um sobrevoos que liberte a hora
do que lhe pesa — saudade invertida
que é a de olhar o que vemos agora

como quem morre por estar de partida.
Presto! — porque é necessário compor
outra coisa mais suspensa e mais viva.

Amar não basta; nem sequer a dor.
Corte amorosa é coisa de pássaro.
Cenas, cantos e aspecto de flor

são tarefas de ânimos diáfanos,
porventura cordatos, ou volantes,
como o *Scenopoeetes*, quase cálamos,

que escolhe e corta as folhas circundantes,
uma por uma, com arte e destreza,
virando o seu lado mais faiscante

para cima, compondo breve cena,
um palco subtil debaixo de um ramo
onde enfim se tenta um canto que exceda

o elã, nem divino, nem humano,
mas quase imperceptível, mineral,
como uma linha de fuga num plano

que não é nem coisa, nem animal,
talvez nem cosmos, nem corpo, nem alma,
mas uma espécie de vida atonal.

Não basta ter uma crista bem alta,
nem sequer um bom esqueleto pneumático.
É preciso ser mais que ave peralta —

— ou menos. Porventura um branco ártico,
um súbito tédio ou um vazio,
qualidade intensiva, som abstracto,

mas que flui mais forte e veloz que um rio —
o desejo.